

## Sarney descobre que "o inferno são os outros"

Quem assistiu à entrevista na TV **Bandeirantes** durante a qual o presidente Sarney bateu nervosamente na mesa várias vezes — enquanto repetia "fez, fez, fez", ao responder à objeção dos jornalistas de que o governo não tem feito a sua parte no combate à inflação, cortando gastos — teve a impressão de estar diante de um menino birrento e não de um presidente da República. Além desse estado de espírito de exaltação excessiva, de falta de serenidade exigida pelo cargo, a entrevista foi marcada por um certo número de graves inverdades.

O presidente demonstrou, por exemplo — o que é imperdoável no seu caso —, que não sabe muito bem o que significam o governo e o Estado. Para ele, a crise atual é do Estado e não do governo. Ora, como a função do governo, num regime democrático, é quase exclusivamente gerir o Estado, não há como separar a crise de um e de outro. Se o Estado não é bem gerido, a culpa só pode ser do governo. Alega o sr. José Sarney, no entanto, que a nova Constituição enfraqueceu muito a União, ao redistribuir as rendas tributárias, e dificultou demasiado a ação do Executivo, ao atribuir poderes excessivos ao Congresso. Estaria aí a causa da crise do Estado.

Embora as coisas não sejam tão simples assim, e não possamos em hipótese alguma concordar com o presidente, quando ele diz que "hoje não tem mais poder nenhum", mesmo que admitíssemos, só para argumentar, que ele tem razão, sua situação continuaria muito desconfortável. Como a nova Constituição só foi promulgada em outubro do ano passado, o que o presidente teria a dizer sobre os anteriores três anos e meio de seu governo? Com os amplos poderes que tinha então, o que fez para deter a crise do Estado, que não começou em outubro passado?

O presidente afirma que é impossível governar sem apoio, mas — acrescentamos nós — também é impossível ter apoio sem governar. E não podemos esquecer ainda que o sr. José Sarney, durante o Plano Cruzado, foi o presidente que teve mais apoio em toda a nossa História. Do povo, que o aclamava nas ruas por onde ele passeava na sua versão do "papamóvel", e do Congresso. O que fez ele com esse apoio? O presidente gosta de repetir que sempre buscou um grande pacto nacional. Por que não o fez na época do Cruzado, quando tinha todas as condições para isso, a fim de salvar o Estado da crise? Se estivessemos com o mesmo estado de espírito dele, poderíamos todos bater na mesa e responder: "Não fez nada, nada, nada".

O sr. José Sarney está igualmente equivocado quando se queixa da imprensa, com palavras duras e ameaças veladas. Ele cita o escritor francês Jean-François Revel, que adverte para o fato de que a imprensa, quando usada maliciosamente, pode criar fatos que "desinformam" em vez de informar. Como fomos os primeiros a nos referir aqui a esta tese de Revel, estamos à vontade para dizer que ela não se aplica a este caso. Nós do **Jornal da Tarde** e de **O Estado de S. Paulo**, assim como os outros principais órgãos da imprensa brasileira, nunca negamos apoio ao presidente nos três momentos em que tentou domar a inflação e deter a crise brasileira.

Foi assim nos planos Cruzado, Bresser e Verão. Convocados a isso, demos nosso apoio, pensando no Brasil, embora sempre advertindo o governo de que, se ele não fizesse a sua parte, contendo o déficit público e diminuindo o tamanho do Estado, o fracasso seria certo. Foi o que aconteceu, infelizmente, nos três casos.

O presidente, sempre colocando-se na posição de vítima, diz que tudo que acontece de ruim no país lhe é atribuído, que é o alvo exclusivo das críticas. Equívoco lamentável no caso de uma pessoa que seguramente lê jornais, ouve rádio e assiste a programas de televisão. Então o sr. José Sarney não tem conhecimento das críticas — mais contundentes que as dirigidas a seu governo — que a imprensa faz cotidianamente a certos procedimentos lamentáveis de deputados federais, senadores e deputados estaduais, sobretudo no que se refere à sua ineficiência, à sua pouca aptidão para o trabalho, à sua inconsciência diante da crise econômica e a seu escandaloso gosto por altíssimos salários? Esqueceu-se das duras críticas que fizemos — antes dele — e fazemos ainda a muitos pontos da nova Constituição?

Além disso, diga-se de passagem que não fomos nós da imprensa que dissemos que o setor público — gerido por seu governo — está falido. Foi o seu mais importante ministro, o sr. Mailson da Nóbrega, em sessão pública do Senado.

Chegamos, finalmente, à questão que o tira do sério, no momento: a viagem a Paris. O fato de, mais uma vez, ele negar os fatos, afirmando que só levou o número de pessoas exigidas pelo protocolo, não é importante. Ainda que seus convidados, em vez de noventa ou cem, fossem duzentos ou trezentos, o Tesouro Nacional não iria sofrer muito com isso.

O escândalo, que Sarney não quer entender, se refere ao aspecto simbólico do episódio. Não há nada de errado em se andar de calção de banho. Na praia, evidentemente. Mas ninguém vai a um velório vestindo calção de banho, ainda que não sinta nada pelo defunto. É uma questão de decoro, de respeito pela dor alheia. O presidente de um país que tem 80 milhões de pessoas em situação de miséria — comparável à da população do C de, como disse o sr. Sarney — não tem o direito de exibir o menor resquício de prodigalidade. Particularmente quando vai ao estrangeiro, entre outros motivos, para convencer seus parceiros mais ricos de que essa miséria só não se traduzirá numa explosão social se eles se decidirem a nos ajudar.

O desembarque da comitiva presidencial em Paris foi, antes de tudo, uma imperdoável **gaffe diplomática**. Uma **gaffe** da diplomacia presidencial...

Quanto ao mais, a entrevista do presidente, na qual ele se exime de qualquer responsabilidade pela crise, nos deixa a impressão de que aderiu à opinião de Sartre, para quem "o inferno são os outros".